

Cinema e educação: uma experiência com a Dona da Liberdade

Alcidesio Oliveira da Silva Junior

ateneu7@gmail.com

Rui Gomes de Mattos Mesquita

gomesdemattosdemesquita.rui@gmail.com

Universidade Federal de Pernambuco |
Brasil

Resumo

Este relato trata das vivências durante as gravações do documentário *Vila Sul*, em uma das disciplinas do curso de Pedagogia da Universidade Federal de Pernambuco. Surgido do interesse de ouvir moradores e moradoras de uma ocupação urbana em Recife (PE), o documentário revelou-se como uma ponte entre vidas, rumo a uma incontável torrente de sensações, sentimentos e afetos. Em diálogo com Jorge Larrosa, Gilles Deleuze e Clarice Lispector, buscou-se refletir, neste relato, a quatro mãos, aluno/professor, a respeito da sonhada liberdade em narrativas que se cruzam e se enamoram, percebendo-se as potências dos encontros além das salas de aula na promoção de rupturas e multiplicidades.

Palavras-chave

Cinema; Filme documentário; Extensão Universitária.

1 Introdução¹

[...] A narrativa, que durante tanto tempo floresceu num meio artesão (...) é ela própria, num certo sentido, uma forma artesanal de comunicação (...) ela mergulha a coisa na vida do narrador para, em seguida, retirá-la dele. Assim se imprime na narrativa a marca do narrador, como a do oleiro na argila do vaso.

Walter Benjamin

Assim que surgida como disciplina optativa na grade curricular do curso de Pedagogia, no 2º semestre de 2018, da Universidade Federal de Pernambuco, algumas percepções imediatas brotaram do meu interior – um aluno em um relacionamento sério com a educação e suas fugas rotineiras com o mundo do cinema. A cadeira “Educação, Narrativa e Audiovisual”, ministrada como uma dança sem protagonista por um professor e seu orientando de Mestrado, poderia proporcionar estas rupturas que a Academia insiste em cercear, eu pensei. Poderia quebrar estes emolduramentos, encaixotamentos que as ditas ciências objetivas buscam nos currículos dos espaços formalizados de educação. Poderia proporcionar vazamentos e linhas de fuga que me permitissem agenciamentos diversos, entendendo as possibilidades várias destes agenciamentos por meio de “fluxos semióticos, fluxos materiais e fluxos sociais” (DELEUZE; GUATTARI, 2011, p. 45).

Esvair para fora das salas de aula do Centro de Educação, arriscar encontros inesperados, pôr em contato sujeitos que, pelas circunstâncias da rigidez social que poderiam até romper, se posicionam em mundos diferentes...Tais experiências surgiam como caminhos rizomáticos que, em processos criativos, poderiam gerar novos devires. Que responsabilidade lançada nas costas dos proponentes da disciplina e daqueles/as que arriscaram mergulhar neste rio apaixonadamente caudaloso!

Não esquecendo-se das materialidades como suportes para estes vazamentos coletivos, a disciplina carregava uma proposta de mergulharmos na atividade de fazermos cinema, de documentarmos vidas, de escutarmos e registrarmos os deslocamentos de sujeitos que, por sua voracidade de desejos, quebravam os estratos rígidos e os grilhões de uma vida sem vigor em

¹ A introdução deste texto inicia-se escrita na 1ª pessoa do singular, ressoando a voz do aluno na escolha da disciplina em questão. Escolhemos, em um determinado momento, misturarmos as nossas vozes, enquanto aluno e professor, apontando para os devires da experiência coletiva aqui proposta.



busca da liberdade. A ideia era, justamente, captar o microscópico, as unidades moleculares de desejos que balançam a vida cinzenta e temerosa da multiplicidade.

A multiplicidade não é apenas virtual, ela é também microscópica, molecular. O molecular, o microscópico, a unidade infinitesimal, é aquilo que ainda não se estratificou, que ainda não se solidificou, que ainda não se cristalizou, que ainda está aberto a todo tipo de possibilidades: o mundo do in-formado (TADEU, 2004, p. 31).

Concebido comumente como uma ferramenta meramente ilustrativa em sala de aula, o cinema passou a ser visto, nos últimos tempos, no seio da educação formal e informal, como um fomentador de possibilidades de ensino diversas, como um facilitador de experiências íntimas e coletivas. Isso aconteceu na ciência de que em suas visualidades, em sua estética, texto vibrante, sonoridades dilacerantes, algo poderia acontecer de transformador nos seus sujeitos espectadores, na sua capacidade de ler o mundo, de ler a si mesmos, de praticar suas alteridades, de contemplar mais profundamente o inenarrável...

Essa forma de conceber a sétima arte em sala de aula distancia-se da forma com que esta se apresenta, com mais frequência, nas salas de aula em geral, não compreendendo possibilidades integradoras, crítico-reflexivas ou mais participativas dos/das alunos/as, conforme atesta Cezar Migliorin (2015, p. 33):

O cinema está na escola também de formas bem menos interessantes, mas eventualmente necessárias: ocupando o lugar do professor que faltou, acolhendo as crianças em uma sala fechada em dia de chuva ou na sala com ar-condicionado em dias de extremo calor.

Ao pensar o cinema como uma “evocação de um mundo imaginário, de uma supra-realidade mais autêntica que a realidade cotidiana” (AGEL, 1957, p. 9), podemos contemplar com uma olhadela o alcance dos voos proporcionados pelas histórias encarnadas em tela. Este jogo hipnótico fabricado, como bem disse Roland Barthes, é capaz de borrar as fronteiras do real, do imaginário. É capaz de apaziguar os conflitos e as dores mais internas, nos fazendo embebedados neste “festival de afetos que chamamos de filme” (BARTHES, 2004, p. 428).

Como proporcionar momentos de contato com o cinema onde deixamos que a imagem cinematográfica “sofra” o mundo e seja afetada por ele (MIGLIORIN, 2015)? Como expressão das agruras, das desigualdades, das opressões diversas, das angústias que permeiam a alma humana em uma sociedade injusta, das impossibilidades da plenitude da liberdade, da carência de espaços públicos democráticos, de uma moradia digna, enfim, de uma realidade operando na realidade (idem), como promover espaços de diálogo em que nos manifestemos nessa arte?

Pensar o fazer cinema e o contemplar cinema como aportes educativos nos faz estender a reflexão sobre os espaços pedagógicos que nos circundam e movimentam nossas

subjetividades, estremecendo a fixidez da didática encaixotada dos manuais escolares que, muitas vezes, é apresentada aos/às alunos/as. De acordo com Adriana Fresquet (2007, p. 13), “o cinema oferece uma significativa contribuição na constituição de identidades, na alfabetização dos afetos, na sensibilização do intelecto e na hierarquização das sensações no ato de aprender”. Deslocando o sentido de alfabetizar para além da função de instrução, podemos imaginar situações de educação emocional, das sensibilidades, das visualidades, das expressões artísticas, do alargamento das fronteiras imaginativas, de gênero, de novos posicionamentos de vida e filosóficos proporcionados por estes momentos de desfrute com a sétima arte.

Para a autora (idem, p. 39), “na medida em que uma história nos introduz em um conflito, em um enredo, em uma trama, surgem diversas ideias de como nós resolveríamos determinadas situações, o que faríamos nas mesmas circunstâncias.” A Pedagogia, portanto, alarga-se em suas possibilidades e presencia a erupção do cinema com um artefato cultural e pedagógico capaz de movimentar processos educativos. Para Steinberg e Kincheloe (2004, p. 14), tal amplitude do entendimento da cultura desemboca em um conceito muito caro para o campo dos Estudos Culturais: o conceito de pedagogia cultural. Segundo eles, tal expressão:

(...) enquadra a educação em uma variedade de áreas sociais, incluindo, mas não se limitando, à escolar. Áreas pedagógicas são aqueles lugares onde o poder é organizado e difundido, incluindo-se bibliotecas, TV, cinemas, jornais, revistas, brinquedos, propagandas, videogames, livros, esportes, etc.

E para esta evocação e vislumbre da beleza das pequenas coisas, escolhemos a Ocupação da Vila Sul, em Recife (PE), surgida em 2014, e que penetra com força e resistência a selvagem floresta da especulação imobiliária que consome a capital de Pernambuco. São esses sujeitos, suas narrativas, suas experiências que passaram a compor o documentário e que presentearam aos/às estudantes e professores/as do curso de Pedagogia um encontro docemente sutil com a tenacidade da luta pela moradia e com os azedumes que a vida nos dá.

São esses sujeitos fugidios, rebeldes, que exercem por meio dos seus corpos subversivos e das suas coletividades revolucionárias, que amontoam-se naquele espaço, entre a riqueza de um dos Shopping Centers mais caros de Recife e o mangue e os casebres construídos com os entulhos encontrados no caminho, novas possibilidades de vida, educando-se entre si e através de si.

As reflexões aqui encontradas surgiram desses encontros nas tardes de quarta-feira na Ocupação Vila Sul. Especialmente em uma delas, nas condições mais desfavoráveis, em um cenário de erosão e rachaduras materiais (e, pensávamos nós, almáticas), algumas flores selvagens rompiam a desolação e perfumavam o mangue com os ecos de amizade, de liberdade, de amor. Ao fundo, tremulava a bandeira colorida, símbolo do movimento LGBT em uma cena

talvez improvável para muitos/as que ali estavam, apontando para os encontros de almas que ali estavam para acontecerem. Verdadeiro panorama da esperança.

Para dialogar com esses encontros, proponho aqui o cruzamento de textos diversos, como conversas informais e regadas do lirismo da luta, do mesmo jeito que tivemos naquela tarde ensolarada, ao desfrute daquela brisa com cheiro tão característico de Recife. Chamo aqui Clarice Lispector, Gilles Deleuze e Jorge Larrosa. Acredito que esses diálogos são apenas vislumbres de possibilidades diversas.

2 Dialogando com Clarice, Jorge e Gilles...

O que eu quero contar é tão delicado quanto a própria vida. E eu quereria poder usar a delicadeza que também tenho em mim.

Clarice Lispector

Naquela tarde de quarta-feira, passando entre becos e entulhos, algo nos chamou a atenção no meio de uma pequena fenda, em uma das portas dos barracos cinzentos. Havia cores, movimento, risadas, cheiro de festa. A bandeira LGBT, ao fundo, vibrava com a violência que os tempos pediam e clamava por si só: Resistência! Resistência! Resistência! Um verdadeiro devir-revolucionário que se encaixa nas impossibilidades, emergindo no meio do mangue já assinado por lutas e trincheiras. A imagem contemplada traduz bem a ideia deleuziana de que “um acontecimento microscópico estremece o equilíbrio do poder local” (DELEUZE; GUATTARI, 2011, p. 34), desconcertando, embasbacando, mudando de forma.

Ao nos ser dada a oportunidade de adentrar aquele mundo a convite da dona da casa, fomos recebidos com um sorriso no rosto, como se há muito tempo nos conhecêssemos. Ali estava reunida não somente uma família de sangue, mas uma família de alma. Entrelaçados por histórias de afeto, Carla, uma jovem negra, e seus dois grandes amigos gays aceitaram conversar conosco e, em diálogos entrecortados pela fumaça do fumo proibido, já apontavam que ali tratava-se de um oásis libertário, um retiro dos excluídos que sonhavam juntos, que desenhavam linhas de fuga, novos arranjos, novas combinações em meio às codificações extremas.

Ali, como ponto de chegada, Carla buscava outros e se completava neles. Não eram, aos olhos da burguesia recifense, os mais fortes ou os mais dignos de serem notados, mas se agrupavam em torno da esperança e da solidariedade. Eram eles por eles e nada mais. Essa completude no outro também era um dos anseios de Clarice Lispector que, em suas reflexões de puro deleite, diz que:

Não é à toa que entendo os que buscam caminho. Como busquei arduamente o meu! E como hoje busco com sofreguidão e aspereza o melhor do meu ser, o meu atalho (...), mas sei de uma coisa: meu caminho não sou eu, é outro, é os outros. Quando eu puder sentir plenamente o outro estarei salva e pensarei: eis o meu ponto de chegada (LISPECTOR, 2004, p. 66).

Claudia se encontrou neles. Nós nos encontramos em Claudia. Essa relação de alteridade, de contemplação do outro, de aprendizado com as narrativas alheias surpreende, pois anuncia, como uma aurora que precede o nascer do sol, as possibilidades de formação das nossas subjetividades. Em um verdadeiro lugar de aprendizagem, termo utilizado por Ellsworth (2005), tudo fala, tudo perpassa, tudo formula identidades, sensações. Tudo ensina. O que aquelas tardes ensolaradas e embebedadas do cheiro do mangue poderiam nos ensinar se não fosse por meio daqueles encontros virtuosos? Por que trocar a sala de aula, o entre paredes, o quadro, as cadeiras em linha reta, por aquelas tardes poderiam proporcionar turbulentos desejos? Inspirado em Deleuze, Tomaz Tadeu anuncia a possibilidade de “não fazer do currículo uma máquina abstrata dirigida à formação de sujeitos” (2004, p. 71). Sim, mas o que oferecer a esses corpos tão habituados com as cadeiras em transe?

Em vez disso: experimentar. Agenciar, compor, promover encontros que produzam o máximo de potência. Não ensinar. Nem ensinar a pensar. Nem dialogar ou comunicar. Só pensar e só aprender. Escrever sobre currículo, ou escrever o currículo, sempre com estilo. O que significa escrever seguindo a linha da bruxa, dos devires minoritários, das linhas de fuga (idem).

Aquela tarde proporcionou que nós, professores/as e alunos/as de Pedagogia, nos tornássemos, de fato, sujeitos da(s) experiência(s), como bem argumentado por Jorge Larrosa em seu clássico texto *Notas sobre a experiência e o saber da experiência*. Nas suas palavras, “seja como território de passagem, seja como lugar de chegada ou como espaço do acontecer, o sujeito da experiência se define não por sua atividade, mas por sua passividade, por sua disponibilidade, por sua abertura” (LARROSA, 2002, p. 24). Essa paixão que nos torna pontos de chegada a serem transpassados pelo outro é uma das maiores opositoras da mesmice pragmática à qual estamos submergidos ferozmente na Universidade e nos faz impiedosos com outras formas de se aprender, ou desaprender, no corriqueiro da vida. Acabamos nos tornando metas, estatística e números, o que não deixa de ser um perigo para nós mesmos (LISPECTOR, 2004).

Quando Carla disse, regozijada por ter conseguido se desprender dos açoites da carteira de trabalho e do modo de vida sufocante do ganancioso empresariado, que agora era “dona da própria liberdade”, um feixe de luz me invadiu por completo. Acostumada às tentativas de se comprar a liberdade, a classe média estremece diante das práticas subversivas de outros modos de comportamento, outros modos de pensar e viver. Para esta, acostumada com o mundo cor de

rosa dos *stories* do *Instagram*, nesse jogo de luzes fantasioso do capitalismo e das máscaras que escondem a angústia da busca pelo sucesso e dinheiro, é inconcebível associar a liberdade a sujeitos que vivem naquelas condições tão simplórias, na beira do mangue, alimentando seus animais com os resíduos encontrados nas ruas. Carla desbravava e rizomatizava através do seu corpo, desprendendo-se das tentativas de limite, não fechando-se, não arborificando-se, mas se expandido nas possibilidades criativas dos seus próprios desejos.

Quando um rizoma é fechado, arborificado, acabou, do desejo nada mais passa; porque é sempre por rizoma que o desejo se move e produz. Toda vez que o desejo segue uma árvore acontecem as quedas internas que o fazem declinar e o conduzem à morte; mas o rizoma opera sobre o desejo por impulsões exteriores e produtivas (DELEUZE; GUATTARI, 2011, p. 32).

Assim como Deleuze, o filósofo dos desejos, Carla se esvai entre os entulhos e potencializa seus desejos, sonhos, modos de viver, de estar no mundo e movimenta-se entre as demarcações que o sistema impõe, criando fendas, destruindo colunas, abrindo caminhos, furando solos secos em busca de água. Como símbolo da estratificação, a árvore, centralizada, vertical, rígida, segundo Deleuze e Guattari (2011), busca impor regras e conter as ramificações. Segundo os filósofos, “muitas pessoas têm uma árvore plantada na cabeça, mas o próprio cérebro é muito mais uma erva do que uma árvore” (p. 34), apontando para as capacidades inventivas/criativas dos sujeitos em produzir rizomas e mapas diferenciados.

Refletindo com Clarice Lispector, dissemos a nós mesmos: “Não entendo. Isso é tão vasto que ultrapassa qualquer entender. Entender é sempre limitado. Mas não entender pode não ter fronteiras. Sinto que sou muito mais completa quando não entendo” (idem., p. 97). Nesse turbilhão de sentimentos, de pensamentos que se agitam velozmente em nossas cabeças, acabamos saindo desses encontros semeados por dentro, povoados, colonizados. É permitido o silêncio e o olhar que vagueia, pois é sinal da maturação de cada experiência. Alguma coisa nos passou, nos aconteceu, nos sucedeu, nos tocou, nos chegou, nos afetou, nos ameaçou, nos ocorreu (LARROSA, 2002).

A gente só percebe o alto preço da liberdade quando vê a sua conquista nos sujeitos insólitos, nas situações mais inesperadas. Sempre víamos uma frase clássica de Clarice reverberada nas redes sociais com tanta banalidade, que acabava sendo esvaziada de seu sentido tão extravagante e apaixonado. Em seu livro *Perto do Coração Selvagem*, a personagem Joana pulsa vívida em cada palavra e na sua sede de vida, chegando a anunciar que “Liberdade é pouco. O que desejo ainda não tem nome” (LISPECTOR, 2017, p. 60). Como a Joana dos mangues recifenses, Carla crava sua fome pela liberdade, sua incontrolável vontade de experienciar todas

as possibilidades de sua existência e a necessidade de abrigar sob aquela bandeira suas rosas do deserto.

Não sei se Carla conhece Clarice, mas as palavras desta última, talvez, fizessem sentido àquela jovem quando narra a respeito da felicidade das pequenas coisas no caminho: “Porque sinto como ficarei de coração escuro ao constatar que, mesmo me agregando tão pouco à alegria, eu era de tal modo sedenta que um quase nada já me tornava uma menina feliz” (idem., 2004, p. 9). É, Carla, você nos ensinou alguns passos da dança da liberdade...

3 Considerações finais

De maneira sutil, mas, ao mesmo tempo, subversiva, aos corpos disciplinados da Universidade Federal de Pernambuco ou de qualquer outra Instituição de Ensino Superior, vivenciamos nas oportunidades criadas pela disciplina “Educação, Narrativa e Audiovisual” uma imersão de alteridade nos encontros com as narrativas colhidas em campo. Pudemos praticar nesses momentos algumas rupturas, descontinuidades e multiplicidades, utilizando-se das palavras deleuzianas, permitindo-nos encontros de devires revolucionários, por suas práticas cotidianas, locais e, ao mesmo tempo, tão potentes em criatividade e força.

Cada sujeito desse documentário nos transpassou com suas histórias, fazendo-nos experienciar pedagogias que as quatro paredes institucionais da Universidade Federal de Pernambuco ou de qualquer outra instituição formal de educação não poderiam nos propor. Aquela tarde com a “dona da sua própria liberdade”, tornou-se refrigério em meio às expectativas que nos cercam cotidianamente. Como uma dança por cima das brasas, Carla ensinou a liberdade que corre entre pedras, como diz Manoel de Barros, deixando que seu rio encontre outros rios, inspirando possibilidades de esperança.

Naquelas tardes, saímos potentes em produzir novas possibilidades de ser e estar no mundo, de criar microfendas, ultrapassar bloqueios como águas violentas, de praticar a alteridade e a produção torrencial que pode vir através do coletivo. Pudemos também, enquanto estudantes e professores da Educação, estender nossas reflexões a respeito de um currículo que ultrapasse as paredes da sala de aula e que, como verdadeiros caminhos investigativos, proporcionem agitações mentais, erupções de ideias e desejos, transformando as árvores em rizomas, a verticalização em ramificações corajosas e as plantações positivamente pensadas em multiplicação de ervas que guardam na sua aparente pequenez a força da extensão e da diversidade.

Referências

AGEL, Henri. **Estética do cinema**. São Paulo: Cultrix, 1957.

BARTHES, Roland. Ao sair do cinema. In: _____. **O rumor da língua**. Trad.: Mário Laranjeira. 2 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2004, p. 427-433.

BENJAMIN, Walter. O narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In: _____. **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura**. São Paulo: Brasiliense, 1994, p. 197-221.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia 2** (Tradução de Ana Lúcia de Oliveira, Aurélio Guerra Neto e Celia Pinto Costa) v. 1. 2. ed. São Paulo: Editora 34, 2011.

ELLSWORTH, Elizabeth. **Places of learning: Media, architecture and pedagogy**. New York: Routledge, 2005.

FRESQUET, Adriana. **Imagens do desaprender: uma experiência com o cinema**. Rio de Janeiro: CINEAD/LISE/UFRJ, 2007.

LARROSA, Jorge. Notas sobre a experiência e o saber da experiência. **Revista Brasileira de Educação**, n. 19, p. 20-28, jan./abr. 2002. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbedu/n19/n19a02.pdf>>. Acesso em 07 Dez 2018.

LISPECTOR, Clarice. **Perto do coração selvagem**. São Paulo: Folha de São Paulo, 2017. v. 01 (Coleção Folha Mulheres na Literatura).

_____. **Aprendendo a viver**. Rio de Janeiro: Rocco, 2004.

MIGLIORIN, Cezar. **Inevitavelmente cinema: educação, política e mafuá**. 1.ed. Rio de Janeiro: Beco do Azougue, 2015.

STEINBERG, Shirley; KINCHELOE, Joe (Org.). (2001). **Cultura Infantil: a construção corporativa da infância**. Tradução de George Eduardo Japiassú Brício. 2. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2004.

TADEU, Tomaz. **A filosofia de Deleuze e o currículo**. Goiânia: Faculdade de Artes Visuais, 2004. (Coleção Desenrêdos, n. 1).

Cinema and Education: an experience with the Freedom Lady

Abstract

This report deals with the experiences during the recording of the documentary Vila Sul in one of the disciplines of the Pedagogy course at the Federal University of Pernambuco. Emerged from the interest of listening to residents of an urban occupation in Recife (PE), the documentary proved to be a bridge between lives, towards an uncontrollable torrent of sensations, feelings and affections. In dialogue with Jorge Larrosa, Gilles Deleuze and Clarice Lispector, we sought to reflect in this four-handed report, student / teacher, about the dreamed freedom in narratives that intersect and fall in love, realizing the potencies of the meetings beyond the classrooms. class in the promotion of ruptures and multiplicities.

Keywords

Cinema; Documentary film; University Extension.

Cinema y Educación: una experiencia com la Dona de la Libertad

Resumen

Este informe aborda las experiencias durante la grabación del documental Vila Sul en una de las disciplinas del curso de Pedagogía en la Universidad Federal de Pernambuco. Surgido del interés de escuchar a los residentes de una ocupación urbana en Recife (PE), el documental demostró ser un puente entre vidas, hacia un torrente incontrolable de sensaciones, sentimientos y afectos. En diálogo con Jorge Larrosa, Gilles Deleuze y Clarice Lispector, buscamos reflexionar en este informe a cuatro manos, estudiante / maestro, sobre la libertad soñada en las narrativas que se entrecruzan y se enamoran, dándose cuenta de la potencia de las reuniones más allá de las aulas, es decir, de las clases en la promoción de rupturas y multiplicidades.

Palabras clave

Cine; Película documental; Extensión Universitaria